

UM DRAMA NA FAMÍLIA: UM OLHAR CRÍTICO PARA O DIALOGO DE NONÔ E D. SENHORINHA EM ÁLBUM DE FAMÍLIA DE NELSON RODRIGUES

JOSÉ CLAUDIO GOMES DANTAS

Estudante de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Estudos Literários. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

E-mail: joseclaudio21@gmail.com

RESUMO: A literatura é a uma forma de arte que carrega em si múltiplos significados, assim, ter compreensão do que se está lendo é necessário para que o leitor literário possa compreender a sua importância enquanto campo de estudo. Traçar uma visão sobre uma obra que teve sua publicação proibida na época em que foi escrita é altamente importante para termos consciência de que todo texto, independente a temática, deve ser estudado e analisado por estudantes e pesquisadores. Neste trabalho, analisaremos as propostas temáticas de Nelson Rodrigues ao escrever *Álbum de Família*, trazendo consigo uma revolução social, bem como apresentando um conteúdo dramático além de sua época. Inicialmente apresentaremos Szondi (2001) com seus conceitos estabelecidos por Hegel em seu livro *Cursos de Estética* que irão nos nortear a respeito do surgimento da estrutura do drama e sua evolução na literatura, bem como um pouco da teoria de Aristóteles em Brandão (1985) e Souto (2001). Nesse contexto, para ilustrar analisemos a obra *Álbum de Família*, antes mencionada, que utiliza dos fatos do passado para reforçar os acontecimentos do presente. Isso acontece em todos os lamentos trágicos de Dona Senhorinha ao se referir ao seu filho Nonô. Nessa lamentação inacabável, os gritos, uivos e gargalhadas de Nonô se desprendem para o inesperado e inexplicável amor expresso por sua Mãe. Por ser uma obra clássica, pretendemos com isso inserir diálogos a respeito da mesma a fim de produzir discussões que possam fazer da literatura um estudo que vai além do prazer.

Palavras-chave: Literatura. Drama. *Álbum de Família*.

ABSTRACT: Literature is an art form that carries with it multiple meanings, thus having understanding of what you are reading is necessary for the literary reader can understand its importance as a field of study. Charting a vision of a work that had its publication prohibited at the time it was written is highly important to have awareness that every text, whether the topic should be studied and analyzed by students and researchers. In this paper, we analyze the themes proposed by Nelson Rodrigues to write *Álbum de Família*, bringing with it a social revolution, as well as having dramatic content beyond your time. Initially present Szondi (2001) with its concepts established by Hegel in his *Cursos de Estética* book that will in the guide about the emergence of the drama structure and its evolution in the literature, as well as some of Aristotle's theory Brandão (1985) and Souto (2001). In this context, to illustrate analyze the work *Álbum de Família*, which uses the aforementioned facts from the past to strengthen the current events. This happens in all the tragic lamentations of Dona Senhorinha referring to his son Nonô. In this endless whining, screaming, howling and Nonô of laughter come off for the unexpected and inexplicable love expressed by his mother. As a classic work, we intend to enter this dialogue about the same to produce discussions that might make literature a study that goes beyond pleasure.

Keywords: Literature. Drama. Family Album.

1. INTRODUÇÃO

A literatura é cheia de caminhos, discursos e significações, portanto, analisar é algo que prende a atenção do leitor literário de modo a perceber a sua importância enquanto área de estudo.

Esse é um conceito bastante coerente à análise em questão, partindo disso, esse trabalho tem como alicerce as teorias de Peter Szondi, no livro *Teoria do drama moderno* (2001), para discutirmos a peça *Álbum de Família* de Nelson Rodrigues. Analisaremos as veredas percorridas por Nelson, consideradas modernas, tendo como chave a (r)evolução social e seu conteúdo dramático mediante a sua época histórica. Além de Szondi (2001), utilizaremos alguns conceitos atribuídos por Hegel em *Cursos de Estética* (2004) que irão nos nortear a respeito do surgimento da estrutura do drama e sua evolução na literatura.

Álbum de Família vem como um divisor de águas na carreira do dramaturgo, a partir dessa tragédia ele entra em um ciclo intitulado teatro desagradável que nos remete diretamente ao conceito de tragédia grega dionisíaca, pois, “a tragédia seria uma evolução do ditirambo através do drama satírico” (BRANDÃO, 1996, p.128). A obra ultrapassa as páginas de registros fotográficos da família de Jonas e Senhorinha, revela o que pode ter por trás de imagens estáticas que mostram sorrisos amarelos e pessoas felizes. A tragédia ambientada no Rio de Janeiro entre os anos de 1940 traz uma família feliz, aparentemente normal, isso na visão do Speaker que é o fotógrafo e também “uma espécie de opinião pública”, mas no âmago do lar o casal de primos Jonas e Senhorinha com seus quatro filhos, Nonô, Edmundo, Guilherme, Glória e a tia Rute irmã de senhorinha essa felicidade plástica cai por terra. A família é o centro de todos os acontecimentos, são envolvidos em uma teia de desejos que vão de encontro à moral e aos costumes sociais do seu tempo.]

2. TEORIA DO DRAMA: BREVES RELATOS

Desde os gregos antigos até a modernidade, temos como norte o seguinte fato: a tragédia é baseada em decisões, por ventura, importantíssimas e difíceis a serem tomadas, que se interpõem como um gênero no qual duas forças se confrontam, mas também, que

possuem um grande prestígio literário-social (ARISTÓTELES, 1985). Desse modo, o gênero dramático é um gênero de conflito, quase sempre, com todas as ações explícitas por seus personagens encenando-as em um palco. Assim, “O que vemos, por isso, diante de nós, são os fins individualizados nos caracteres vivos e nas situações ricas de conflito fins que se mostram e se afirmam, intervêm e se determinam mutuamente” (HEGEL, 2004, p. 201).

Isso evoca-nos a perceber o gênero dramático como necessário, através do qual existe a luta de valores éticos que se desmontam na medida em que as ações acontecem. É esse tipo de peça que representa na modernidade suas origens por meio de ações humanas funestas, muitas vezes, resultantes em morte. Porém, vale destacar que na tragédia não é apenas a morte que faz alusão à tragicidade da obra, mas que cabe ao autor inovar o cerne dessa obra tornando-a trágica:

Na tragédia moderna o herói descobre em si mesmo o motivo da terrível situação em que se encontra e da desgraça iminente e inevitável que o cerca. O conflito interno e a questão da culpa são, portanto, elementos fundamentais para essa fatalidade, que é centrada no indivíduo. A solidão do herói não é provocada pela tragédia, contudo, é uma consequência da mesma. A impossibilidade de comunicação com o outro é uma das causas da dimensão insuperável de seu problema (SOUTO, 2001, p. 56).

Em *Álbum de Família*, a tragédia acontece no cotidiano, isto é, o homem passa a viver em conflito com o mundo, assim,

As personagens de *Álbum de família* não internalizaram os mecanismos de censura moral adquiridos pelos homens com o advento da civilização, agindo através de seus impulsos mais primitivos. Em razão de não obedecerem a essas regras que foram criadas para amenizar os conflitos entre as pessoas, acabam por destruir tudo o que se encontra à sua volta, inclusive a si mesmas. É como se elas fossem um primitivo grupamento humano, levado ao convívio por seus instintos, mas sem regras para facilitar a intimidade forçada. As normas surgiriam através das experiências, fracassadas ou não, desse grupo. Mesmo que a situação causasse a sua destruição quase total. É uma forma de mostrar os fragmentos supostamente enterrados da natureza humana e ver aonde eles nos conduziram se fossem libertos da prisão da consciência (SOUTO, 2001, p.72-73).

Desse modo, de acordo com as noções de trágico apresentadas por Souto (2001) e Szondi (2001) escolhidas como corpus deste trabalho, acreditamos que a concepção de um teatro permissivo, onde possam ser expressos contextos sociológicos, exista uma espécie de sociologia da literatura capaz de arguir tanto condições sociais quanto políticos no meio literário.

Vale salientar que Szondi faz uma consideração inicial sobre o que é o drama

moderno pertinente à colocação de Souto quando afirma que

O drama da época moderna surgiu no Renascimento. Ele representou a audácia espiritual do homem que voltava a si depois da ruína da visão de mundo medieval, a audácia de construir, partindo unicamente da reprodução das relações intersubjetivas, a realidade da obra na qual quis se determinar e espelhar (SZONDI, 2001, p. 29).

É o drama moderno uma superação do pensamento medieval, ou seja, um gênero literário capaz de analisar o individualismo social considerando a liberdade como intensa e responsável pelas significações que os autores atribuem aos seus personagens em suas obras. Com isso, é pertinente afirmar que o drama jamais deixará de ser moderno, pois, ora não permite a influência da exterioridade, bem como não aceita interferências do passado em seu desmembramento da trama.

Hegel (2004), por sua vez, demonstra que o drama depende essencialmente do diálogo, da interação intersubjetiva e da progressão da ação. Portanto, essas colocações permitem que o inesperado e quase inexplicável embriaguem as cenas, deixando a obra rica e cheia de desafios para o leitor. Nesse contexto, para ilustrar analisemos a obra *Álbum de Família*, antes mencionada, que utiliza dos fatos do passado para reforçar os acontecimentos do presente. Isso acontece em todos os lamentos trágicos de Dona Senhorinha ao se referir ao seu filho Nonô. Nessa lamentação inacabável, os gritos, uivos e gargalhadas de Nonô se desprendem para o inesperado e inexplicável amor expresso por sua Mãe.

3. AOS OLHOS DE SZONDI, PERCORRENDO OS CAMINHOS E VOZES DE *ÁLBUM DE FAMÍLIA*

Para se compreender todo o emaranhado de temas que nos saltam aos nossos olhos é preciso ter em mente a importância dos seus personagens, assim, apresentá-los de maneira objetiva é essencial para, em seguida, podermos analisar a importância de cada um, mas, principalmente, Nonô para a obra. Na obra, temos **Jonas**, o patriarca, ele tem suas feições, que são comparadas com Jesus por sua filha Glória, mas de virtuoso ele não tem nada, ele adora ter relações sexuais com donzelas de pouca idade, engravidá-las e ainda deseja sua própria filha; **Edmundo** é casado, mas não se relaciona com sua esposa Heloísa nem com nenhuma mulher, ama a mãe e se sente traído por Nonô; **Guilherme** é seminarista, possui uma grande paixão por sua irmã e para não cometer o pecado de possuí-la, mutila-se em nome do seu

amor; **Glória** tem uma adoração pelo pai ao ponto de comparar sua fisionomia com a de Jesus Cristo, enquanto interna mantém uma relação com Tereza, porém, continua apaixonada por Jonas; **D. Senhorinha**, a matriarca, relacionou-se com seu filho Nonô, detentora de uma forte paixão por esse filho, é a grande causadora dos seus problemas psicológicos; Nonô enlouqueceu, vive tendo surtos e ficou assim depois do ato sexual com sua mãe; **Ruth**, a tia, irmã de D. Senhorinha, mantém uma paixão platônica por Jonas, devido a isso, ela quem faz a escolha das jovens que o mesmo irá possuir. Diante de tantas conturbações e personagens complexos, partiremos para a análise do diálogo entre D. Senhorinha e Nonô (mesmo sem este proferir uma única palavra).

O diálogo começa não pelos mesmos, mas por Tia Ruth quando diz: “É Nonô, outra vez!” e “Eu conheço o grito dele. Aliás, não é grito, uma coisa, não sei. Parece uivo, sei lá. Se eu fosse você, tinha vergonha!” (RODRIGUES, 1945, p.5). Nesse momento, se percebe uma culpa emanada para D. Senhorinha que a rebate dizendo-lhe “Nonô é muito mais feliz do que eu – sem comparação. (sempre dolorosa) Às vezes, eu gostaria de estar no lugar do meu filho” (RODRIGUES, 1945, p.6). Assim, começa o diálogo, mesmo que isolado entre mãe e filho e, conseqüentemente, os primeiros vestígios do relacionamento sexual entre os mesmos. Mesmo não havendo palavras, a D. Senhorinha se comove com os gritos de Nonô ao pé da porta. Ora, ela sabia que o mesmo enlouquecera devido ao seu amor, logo, sabia que toda forma de atenção dada àquela família por Nonô era para ela e, somente ela. Entretanto, não podemos afirmar, ainda, se por amor ou desespero, afinal, são apenas gritos.

A todo o momento, D. Senhorinha segura a ideia de que Nonô grita de saudade como percebemos na passagem “**D. SENHORINHA** (com certa violência) - Nonô, quando era bom, gostava de mim, tinha adoração por mim. (abstrata outra vez) É saudade que ele tem - saudade! (taciturna) Saudade da casa...” (RODRIGUES, 1945, p.6). No entanto, fazemos uma ressalva: Saudade de quê ou quem? Afinal, a frase termina com reticências o que nos leva a pensar na duplicidade de sentido das palavras da mãe. Ora, saudade da casa, ora dela. Como se prova na fala de Tia Ruth, “Da casa o quê! Ele nunca gostou disso aqui, nunca pôde passar meia hora numa sala, num quarto. Vivia lá fora!” (RODRIGUES, 1945, p.6).

Fato interessante surge no diálogo de D. Senhorinha e Jonas sobre Nonô. Jonas afirma que toda a família o odeia, até mesmo o possessivo Nonô, fazendo com que D. Senhorinha dê mais indícios de sua relação com o filho ao dizer “Não toque em Nonô!” e “Quando ele era bom, você batia nele!”. Um ciúme repentino do pai, um amor incontrollável da mãe. O que se comprovaria mais adiante na fala de Jonas a Guilherme “Que não te aconteça como a Nonô, que ficou maluco. Na certa, foi de pensar demais em mulher! Agora lambe a terra, ama a terra com um amor obsceno... de cama!” (RODRIGUES, 1945, p.22). O ódio mantido

por Jonas é repentino, mas de uma proporção sem limites.

Uma passagem importante para a compreensão de Nonô como detentor de um segredo da família está na seguinte rubrica: “Ouve-se um grito, qualquer coisa de desumano, um grito de besta ferida, dentro da tempestade” (RODRIGUES, 1945, p.32). Aqui, percebemos que o autor mesmo sabendo da impossibilidade de compreensão de Nonô, lhe atribui uma característica própria de quem é sã de consciência, a “besta ferida”. Nonô sofre de amores pela mãe, porém, quando sã, tinha consciência do pecado. Ora, o jovem, caçula da família, viveu tudo como um expectador, não suportando tanto injustiça, crueldade, pecado e incestos na família, rendeu-se àquela que seria a causadora de quase todos os males da família, a mãe. Pobre Nonô, não sabia que enlouqueceria por não suportar tamanha dor e pecado, porém, detidos pelas gargalhadas próximas dos irmãos.

No terceiro ato um fato inusitado acontece, mesmo sabendo da loucura de Nonô, do motivo da mesma e do responsável pela insanidade do caçula, Nelson tenta nos desnortear para não chegarmos ao veredito final através da voz do Speaker “Um ladrão entrou no quarto de Senhorinha, de madrugada e, devido ao natural abalo, Nonô ficou com o juízo obliterado... Pobre Nonô!” (RODRIGUES, 1945, p.35). Algo inusitado, mas bem utilizado para nos desnortear do verdadeiro motivo da loucura do jovem.

Feita a abordagem de como se livrar de tanto sofrimento, D. Senhorinha evoca aos gritos de Nonô como uma saída do martírio, sendo ela a causadora de tanto infortúnio naquela família. Aqui, “**D. SENHORINHA** (mudando de tom) - Nonô, outra vez! (dolorosa, como a mais desgraçada das mulheres) Viu, Edmundo - não posso -, não posso fugir com você!” (RODRIGUES, 1945, p.41), notamos a entrega à culpa e amor descontrolado pelo proibido. Um desejo que se descontrola “Nunca terei coragem de deixar Nonô! Impossível! (mudando de tom, como que enamorada) Não imagina como ele fica, sempre que me vê, de longe! É uma coisa!” (RODRIGUES, 1945, p.41) em meio a um drama psicológico que desconstrói a personagem, desnudando-a como uma mulher pura e que, simplesmente, ama, mas ama o errado, não por amar o filho, mas por amar carnalmente ao ponto de deitar-se com ele, provocando sua loucura. No entanto, é fato que Nonô é realmente encantador, pois, “Eu gosto que seja assim - bonito! queimado do sol! (com certa ferocidade) Perdeu o juízo - mas a beleza do físico ninguém lhe tira. Nasceu com ele!” (RODRIGUES, 1945, p.42), ela o deseja, seu tesão é claro, ela não o ama apenas como filho, mas como homem. Não consegue o abandonar, não pela loucura, mas pelo prazer carnal que sente. Sabe-se lá, se em meio ao abandono de Jonas, ela não iria até a janela para se masturbar, afinal, o belo homem e de físico impecável andava pelado, correndo feito uma besta entre as árvores e lama, atos que desencadeiam a libido de qualquer ser humano, mulher ou homem.

Encaminhando-se para o desfecho do drama, Heloísa em diálogo com D.

Senhorinha, mostra raiva e desejo ao mesmo tempo pelo possesso, “Esse Nonô, esse doido anda no mato, nu - como um bicho. Apanha terra, passa na cara, no nariz, na boca!...” (RODRIGUES, 1945, p.52). Para ela, o “doido” é um animal, mas animal que desperta desejo, pois anda nu, passando terra por todas as partes do corpo. A mesma não pronuncia pênis pelo fato de ser, dentre aqueles na família, a que não iria cometer o mesmo pecado de todos, mas, novamente, as reticências deixam em aberto, o desejo, o pecado, a vontade do toque, afinal, “Ele tem um corpo lindo” e por que não admirar. Finalmente, D. Senhorinha poderia gritar “Eu me senti tão feliz, quando você matou Teotônio. Respirei: Nono estava salvo! (doce) Ele enlouqueceu de felicidade, não agüentou tanta felicidade!” (RODRIGUES, 1945, p.55), então, a culpa lhe sai o segredo é descoberto, ele enlouquecera após transar com a mãe, afinal, em sua concepção de família ela acredita que os filhos são para ela e não para dar a outra mulher. Ao decidir-se da vida com Nonô, o filho apela à mãe por meio de um grito, logo, a mãe profere “Nonô me chama - vou para sempre” e atira contra o marido e corre para encontrar o grande amor de sua vida, Nonô. Enfim, o diálogo termina e o coro apela para o Senhor pela salvação de Jonas “*Suscipe, Domine, servum Tuum in locum Sperandae sibi salvationis a misericordia tua. Amen* (RODRIGUES, 1945, p.57), mantendo-se como uma das maiores contribuições do teatro grego para os seres humanos.

4. DEPOIS DOS GRITOS, O DIÁLOGO EXPLÍCITO

Diante de tanto sofrimento, injustiça, injúrias e amores proibidos, percebemos claramente que mesmo sem proferir um único vocábulo, Nonô desde o início da peça mantém um diálogo com os personagens, principalmente, com a sua mãe. Os gritos, uivos e as gargalhadas do possesso atribuem à peça uma característica primordial para o seu entendimento - o presente explicado pelo passado - traço que como uma tragédia (moderna). Apresenta traços como o coro, ao mesmo tempo em que apresenta um diálogo puro entre os personagens não se detendo a diálogos externos aos dramas vividos pelos personagens, logo, os dramas psicológicos de Nonô e D. Senhorinha são elencados como subjetivos ao ponto de serem mesclados pela dúvida e, ao final, objetivos por deixarem transparecer o desejo de ambos de um pelo outro. Enfim, o diálogo entre os dois abre espaço para crítica à forma como a família tentava esconder os desejos proibidos causadores de todas as desgraças daquela casa, sendo o silêncio vocabular de Nonô o mais gritante apelo para a justiça entre eles.

Como citar este trabalho: DANTAS, J. C. G. Um drama na família: um olhar crítico para o diálogo de Nonô e D. Senhorinha em *Álbum de Família* de Nelson Rodrigues. *Filosofando: Revista Eletrônica de Filosofia da UESB*. Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 157-164, 2015.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. A poética. In: BRANDÃO, R. de O. *A poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino*. São Paulo: Cultrix, 1985.

BRANDÃO, J. de S. *Mitologia Grega*. Vol. I, II e III. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética, volume IV*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

RODRIGUES, N. *Álbum de Família – uma tragédia em três atos (1945)*. Disponível em: <file:///C:/Users/Jos%C3%A9%20Claudio/Downloads/%C3%81LBUM%20DE%20FAM%C3%8DLIA.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SILVA, V. M. de A. Os conceitos de Literatura e Literariedade. In: SILVA, V. M. de A. *Teoria da Literatura*. 4. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1982. p.1-40.

SOUTO, C. C. F. *Nelson “Trágico” Rodrigues*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 2001.

SZONDI, P. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.